

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

UM ANTIFONTE MÚLTIPLO

Luís Felipe Bellintani Ribeiro
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Há, certamente, vários argumentos, de diferentes níveis (biográfico, lexical, estilístico, doutrinário), favoráveis e desfavoráveis quer à hipótese da unidade quer à da separação de Antifonte, o sofista, e de Antifonte, o orador. O presente texto tenta defender a posição unitarista pela articulação de passagens de obras atribuídas pelos separatistas a dois autores distintos.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia Antiga; Sofística; Antifonte.

RÉSUMÉ: Il y a, certes, plusieurs arguments, de différents niveaux (biographique, lexical, stylistique, doctrinal), pour et contre soit l'hypothèse de l'unité soit celle de la séparation de l'Antiphon le sophiste et l'Antiphon l'orateur. Ce texte essaye de soutenir la position unitariste par l'articulation de passages d'oeuvres attribuées pour les «séparatistes» à deux auteurs différents.

MOTS-CLÉS: Philosophie Antique; Sophistique; Antiphon.

A clássica questão biográfico-filosófica acerca da(s) identidade(s) de Antifonte deve ser colocada em pelo menos dois níveis. Num primeiro, a evidente impossibilidade de, a essa altura da história, resolver objetivamente o problema da unidade ou da separação do(s) *corpus(ora)* remanescente(s) prevalece sobre a sempre e, malgrado tudo, ainda presente pretensão de assim resolvê-lo, restando ao intérprete antes tomar parte na história das interpretações que emitir sentença unilateralmente, antes apresentar o artefato doxográfico, enquanto tal, que arrogar-se encontrar um dado epistêmico desinfetado de *dóxa* que servisse, enfim, de prova. O pendor, aí, para a unidade ou para a separação depende da maior ou menor tolerância ou repugnância à disparidade e à contradição. Os que defendem a unidade da pessoa são mais afeitos a admitir personalidades plurais, os que defendem a separação das pessoas exigem mais unidade e coerência para reconhecer uma personalidade. O pêndulo, de qualquer modo, já começa preso na estrutura “antilógica” e “antifônica” dos “discursos duplos”.

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

Num segundo nível, pode-se, bem sofisticadamente, aceitar entrar no jogo da antilogia e tomar partido, aduzindo argumentos persuasivos, de ordem historiográfica, lexical, estilística ou doutrinária, a favor do seu ou contra o do adversário. Há material suficiente para ambas as partes.

Se, porém, a consciência da situação do primeiro nível invade o terreno do segundo, com sua correlata desconfiança de que discernir o conteúdo do objeto (a sofística antilógica) por um critério hermenêutico que implica um conteúdo avesso (a filosofia homológica) seja, inadvertidamente, virar as coisas de cabeça para baixo (embora a triunfante sofística, exímia manipuladora do princípio de não-contradição, se ria ainda disso tudo), então, à posição unitarista (que “ontologicamente” corresponde ao pluralismo, por oposição ao monismo “ontológico” da posição separatista), mesmo que não lhe caiba a vitória final, cabe-lhe o primeiro lance do jogo.

Primeiro vem, por exemplo, um Protágoras, com as famosas teses: “há para toda coisa dois discursos reciprocamente contrapostos” e “a contradição é impossível”, e só depois o historiador escrupuloso, tentando achar jeito de compatibilizá-las, sem notar que a aparente incompatibilidade de ambas encerra a confirmação da primeira, e que a conversão momentânea da primeira em hiper-tese absoluta encerra a confirmação da segunda. Primeiro vem o relativismo, concedendo, para ser coerente, a palavra a seu contraditor, depois seu contraditor, acusando o relativismo de auto-contradição e tentando reduzi-lo ao silêncio. Se a ordem fosse invertida, a despeito de saber quem ganha e quem perde no final, não haveria diálogo, mas monólogo.

Ora, sabe-se que, de todo material remanescente da antiguidade acerca de Antifonte, quem fixou para o investigador contemporâneo não só a querela em questão propriamente dita como seu esquema binário, Sofista versus Orador, foi Hermógenes de Tarso (*De ideis* 2. 11), baseado em parecer anterior. Mas ele mesmo, o primeiro separatista de que se tem notícia, poupa o unitarista de ter de enfatizar a proximidade gigantesca de dois domínios, sem dúvida irredutíveis, como os da sofística e da retórica, pois chama ambos de *sophisteúsantes*:

Em se tratando de Antifonte, é preciso dizer antes de tudo que, conforme afirmam Dídimos, o gramático, e outros, não em pequeno número, e de acordo com o que aparece na investigação, existiram muitos Antifontes, dos quais dois foram sofistas e que devem ser considerados. Um deles é o **orador**, cujos discursos tratam de homicídio ou são do gênero deliberativo ou semelhantes a esses; o **outro** é dito adivinho e intérprete de sonhos, cujos

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

discursos são: *Acerca da verdade*, *Acerca do consenso* [e os discursos deliberativos] e o *Político*.

Ele mesmo, após explicar que sua tendência à posição separatista está fundada em critério estilístico, confessa sua hesitação, em função de cruzamento de dados biográficos que embaralham as anteriores distinções estilísticas:

Eu, por causa da diferença entre os estilos desses discursos, estou convencido de que são dois Antifontes – pois os discursos intitulados *Da verdade* realmente se destacam dos demais – porém, por causa das informações de Platão [*Menexeno* 236a] e de outros, ao contrário, não estou convencido. Com efeito, ouço muitos dizendo que Tucídides foi aluno de Antifonte de Ramnunte e, como sei que os discursos sobre homicídio são do ramnúsio, os quais estão distantes do estilo de Tucídides, que por sua vez está próximo ao do *Da verdade*, de novo não fico persuadido de que dois foram os Antifontes.

Note-se que Hermógenes isola apenas o *Acerca da verdade* do conjunto de obras que ele mesmo atribui ao “outro” Antifonte (não o chama de sofista, pois chama a ambos assim). E a diferença entre “os discursos intitulados *Acerca da verdade*” e os discursos sobre homicídio do Orador (são os: *Acusação contra a madrastra de assassinato por envenenamento*, *Tetralogia I*, *Tetralogia II*, *Tetralogia III*, *Acerca do assassinato de Herodes* e *Acerca do coreuta*) não é necessariamente maior que a diferença entre os primeiros e aqueles atribuídos ao mesmo autor, a saber, *Acerca do consenso*, *Político* e, seguindo a indicação do próprio Hermógenes de que o mesmo autor fora adivinho e intérprete de sonhos, *Acerca da interpretação dos sonhos*.

Os enunciados igualitaristas (“por natureza todos em tudo nascemos igualmente dispostos para ser tanto bárbaros quanto gregos...”) do fragmento 44 do *Acerca da verdade* (*Oxyrhynchus Papyri* XI n. 1364 ed. Hunt) podem até discrepar das notícias sobre um oligarca golpista, como teria sido o Orador de Ramnunte, mas o que dizer das críticas à lei em favor da natureza, presentes no mesmo fragmento (“muitas das coisas justas segundo a lei estão em pé de guerra com a natureza...”, “as coisas convenientes fixadas pelas leis são grilhões da natureza, as fixadas pela natureza, livres...”, “um homem utilizaria convenientemente a justiça para si mesmo, se, diante de testemunhas, exaltasse as leis, mas, sozinho e sem testemunhas, exaltasse as prescrições da natureza...”, “transgredindo as prescrições das leis, com efeito, se encoberto frente aos que compactuam, aparta-se de vergonha e castigo, se não se encobre, porém, não; se alguma das coisas que nascem com a

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

natureza é violentada para além do possível, mesmo que isso ficasse encoberto a todos os homens, em nada o mal seria menor, e se todos vissem, em nada maior, pois não é prejudicado pela opinião, mas pela verdade...”) diante tão somente do título da outra obra, “consenso” (*homónoia*), produto mor do *nómos* e da *téchne* humanos em sua luta precisamente contra a tendência natural ao isolamento na idiotia estética e noética?

Aliás, a propósito de *homónoia*, e de, como diz Jâmblico (*Exhortatio philosophiam*, Estobeu II 33,15), *homognomósýne* e *homophrosýne*, consenso, convergência e concórdia, Tucídides (*Historiae* VIII 68. 1-2) conta que, não o autor do *Acerca do consenso* (para os separatistas), mas sim o Orador de Ramnunte fora aquele que “melhor podia ajudar com seus conselhos os adversários em debate, seja no tribunal, seja na assembléia do povo”.

A seqüência do testemunho de Hermógenes explicita antecipadamente aquela que seria a conclusão prudente do hermeneuta em busca de um parâmetro para lidar com textos tão diferentes, vertical e horizontalmente:

Em todo caso, seja um Antifonte empregando dois estilos de discurso tão distintos um do outro, sejam dois, cada qual desenvolvendo o seu separadamente, é necessário considerar um a cada vez, pois enorme, como dissemos, é o intervalo que os separa...

O primeiro membro da alternativa, que é a tese que se defende aqui, perfeitamente plausível em qualquer época (vide os casos dos múltiplos pseudônimos de Fernando Pessoa, daquilo que Machado de Assis faz, por exemplo, no conto *O cão de lata ao rabo* (sobre um concurso de redação, em que apresenta as três premiadas, em estilos completamente diferentes), do, segundo a crença, adversário dos sofistas, Platão, capaz de, no *Fedro*, manipular o discurso de seu personagem Lísias, e depois os do Sócrates enciumado e do Sócrates inspirado, para terminar com a sóbria dialética tradicional, e de no *Banquete* administrar o elogio rebuscado de Agatão, a peça de *physiología* médica de Erixímaco e a alegoria cômica de Aristófanes, só para ficar em alguns exemplos), parece ainda mais plausível no caso da sofística antiga, tão atenta à fluidez do *kairós*, à adequação à ambiência e à audiência, e mais ainda no caso do sofista-retor Antifonte (já falando como unitarista), capaz de, nas *Tetralogias*, como diz Barbara Cassin, “elevar ao quadrado a antilogia protagórica”, ocupando por duas vezes alternadamente as posições da defesa e da acusação. Diz, com efeito, a introdução da primeira *Tetralogia*:

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

Por toda parte Antifonte revela sua capacidade própria, mas sobretudo nestas tetralogias, nas quais **ele mesmo rivaliza consigo mesmo**. Pois se dedica a esse exercício proferindo dois discursos pela acusação e dois pela defesa, em todos os casos de modo igualmente brilhante.

Tudo isso, porém, ainda é pouco, se se levar em consideração aquilo que se poderia chamar de “lógica enviesada” (por oposição à lógica do *orthòs lógos*), pensável a partir de duas passagens que os separatistas atribuem a Antifontes diferentes. A primeira vem pela boca do réu em processo de assassinato, inimigo declarado da vítima e, por isso mesmo, principal suspeito, por cujo princípio quanto mais argumentos fossem aduzidos pela verossimilhança da culpa, mais a inocência é que se tornaria verossímil (*Tetralogia I*, primeiro discurso de defesa, 3):

Pois se, neste momento, por causa da grandeza da inimizade, pareço, de modo verossímil, reprovado a vossos olhos, seria mais verossímil que, antes de agir, eu previsse a suspeição que ora me sobrevém, e se soubesse que algum outro premeditava fazê-lo, haveria de o impedir, antes de fazer eu mesmo e cair voluntariamente numa suspeição previamente clara. Pois, se ficasse claro que eu vim a ser o autor desse ato, estaria perdido; se permanecesse encoberto, é claro que desde já a suspeição sobreviria a mim.

A segunda passagem encontra-se no *De divinatione* (2.144) de Cícero, em que ele mostra como a *artificiosa somniorum Antiphontis interpretatio* teria invertido a ortodoxia da interpretação tradicional da *divinatio naturalis*:

Um corredor que pensava em ir aos jogos de Olímpia viu em um sonho que era conduzido por uma quadriga. De manhã foi ao adivinho, que disse: "vencerás; este evidentemente é o significado da rapidez e do vigor dos cavalos." Depois foi igualmente a Antifonte, que, por seu turno, disse: "é necessário que sejas vencido: não percebes que quatro conseguiram correr na tua frente?" Eis que outro corredor (...) submeteu ao intérprete o fato de ter visto em sonho que era uma águia, o qual disse: "venceste, pois nenhuma ave voa com mais ímpeto do que ela." A esse corredor Antifonte igualmente disse: "imbecil, não vês que estás vencido? Precisamente essa ave, ao perseguir e caçar as outras aves, é sempre a última."

Tal *ek plagíou lógos* (razão de viés) propicia que se avance sobre um terreno ainda mais filosófico. Trata-se do liame que articula a física “materialista” pré-socrática – e não custa lembrar que os sofistas são pré-socráticos – e a propalada valorização pelos sofistas do âmbito político em detrimento do físico. Num famoso trecho de sua *Física* (193a 9),

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

Aristóteles apresenta Antifonte como exemplo de “materialista”, quando certamente poderia apresentar qualquer um de muitos fisiólogos, quando poderia falar do *ápeiron* de Anaximandro em vez do *arrýthmiston* do sofista:

A natureza (*phýsis*), para alguns, e a essência (*ousía*) dos entes por natureza, parece ser o primeiro subsistente em cada um, por si mesmo destituído de proporção, como, por exemplo, a natureza da cama seria a madeira e a da estátua, o bronze. Como prova, diz Antifonte que se alguém enterrasse uma cama e a putrefação tivesse poder de fazer levantar um rebento, esse não viria a ser cama, mas madeira, existindo a primeira por acidente (*katà symbebekós*), por disposição segundo a lei e por arte (*katà nómon diáthesin kai tèn téchnen*), enquanto a segunda seria a essência, a qual permanece e padece continuamente essas coisas.

Simplicio, em seu comentário a esse trecho (*In Aristotelis Physica 273.35-274.26* Diels), acrescenta outros termos à lista já composta por *nómos*, *téchnē* e *symbebekós*, em sua oposição a *phýsis* e *ousía*:

Antifonte, o sofista, fazia do fato de que natureza é o que engendra, ou a germinação e a elevação rumo ao movimento e a geração do semelhante, uma prova de que a natureza é o substrato e não a forma (*tò eîdos*). Com efeito, quanto aos entes artificiais, se alguém enterrasse uma cama e a putrefação tivesse o poder de fazer levantar um rebento, este não viria a ser cama, mas madeira. Isso acontece porque, por um lado, a forma, e o que é por costume (*katà trópon*) e convenção, isto é, por ser convencionalizado pelas artes e contraposto ao que é por natureza, sendo por contrato (*katà synthéken*) e subsistindo por acidente, gera-se e degenera-se; por outro lado, a matéria permanece, por isso ela é essência e natureza da coisa. Com efeito, próprio da essência é o permanecer. E a essência dos entes naturais é conforme a natureza, de modo que tu podes raciocinar conforme o seguinte silogismo: a matéria e o substrato é o que, nos entes naturais, permanece e faz nascer e crescer: tal é a essência dos entes naturais; a essência dos entes naturais é a natureza; logo, a matéria é a natureza nos entes naturais, de modo que a natureza é matéria.

Acrescente-se a essa lição aquelas tiradas do supramencionado fragmento 44 do *Acerca da verdade*: a natureza é o âmbito da verdade, em que impera a economia privada do proveito, livre do olhar censor do público, em oposição ao regime hipócrita da convenção, sob o registro da mera *dóxa*, e tem-se a impressão de haver chegado ao mais solene desprezo pelo universo cultural da política e do direito. Raciocinando, porém, *ek plagíou*, as coisas se invertem: esse universo não é o lugar da verdade, mas é nele que se vive, então só resta, para os que querem viver, laborar no campo da opinião. Que os *eíde* não sejam *katà tèn phýsin* e

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

katà tèn alétheian, como pretendem Platão e Aristóteles, isso pode significar o rebaixamento dos *eídē*, mas também a elevação do que é *katà tòn nómon* e *katà tèn dóxan*, já que é num mundo de *eídē* que se vive, num mundo de camas e estátuas, e não debaixo da terra, onde a verdade prevalece. Ora, se, como diz Demócrito (fragmento 9 Diels-Kranz), até mesmo determinações como doce, amargo, quente, frio e cor só existem *vómō(i)*, já que em verdade existem apenas os átomos e o vazio – e ninguém sequer viu alguma vez um átomo ou o vazio – então os artistas do *nómos* devem ser mesmo os maiores artistas.

Nesse caso, não é para se esperar coerência entre a concepção ontológica do homem e seus engajamentos políticos, mas exatamente discrepância, pois aquela concepção só poderia levar à indiferença no terreno desses engajamentos. O admirável e elogiável reconhecimento da igualdade **natural** entre gregos e bárbaros não implica a impossibilidade de no jogo **político** se considerar circunstancialmente um partido melhor que outro.

Assim, considere-se a seguinte passagem, aparentemente despretensiosa, da terceira *Tetralogia* (segundo discurso de defesa, 2), atribuída ao Orador de Ramnunte:

O acusador se utiliza de provas não verossímeis para dizer que o outro é que começou a briga. Pois, se fosse realmente próprio aos jovens, por natureza, agir sem medida, e aos velhos, com moderação, como **é próprio aos olhos ver, e aos ouvidos escutar**, então não haveria necessidade alguma de vossa decisão, pois a idade dos jovens decidiria. Agora, porém, o que ocorre é que muitos jovens são temperantes, muitos velhos se entregam à embriaguez, com o que a prova em nada vem a ser mais propícia ao perseguidor que ao perseguido.

Não haveria nela um sintoma da consciência da irredutibilidade do âmbito humano da política, da moral e da educação ao âmbito físico, no qual o homem certamente também está encerrado, mais do que uma simples coincidência de vocabulário com aquela famosa passagem atribuída pelos separatistas ao outro Antifonte? Diz, com efeito, de novo o fragmento 44 do *Acerca da verdade* (*Oxyrhynchus Papyri*. 1364 fr.2 + 3647):

É o caso de observar que as coisas que dizem respeito à natureza são necessárias a todos os homens e a todos acessíveis pelas mesmas capacidades, e em todas essas coisas nenhum de nós é determinado nem como bárbaro nem como grego. Pois todos respiramos o ar pela boca e pelas narinas e comemos todos com as mãos e rimos quando nos alegamos no espírito ou choramos quando sentimos dor; e pela audição acolhemos os sons; e pela luz do sol com a vista vemos; e com as mãos trabalhamos; e com os pés caminhamos (...)

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

Por isso, não resta mesmo esperar senão que a “tirânica” lei pactuada, sob a atuação os “maiores artistas”, prescreva (*Oxyrhynchus Papyri* XI n. 1364 ed. Hunt):

aos olhos as coisas que devem ver e as que não devem; e aos ouvidos, as que eles devem ouvir e as que não devem; e à língua, as que ela deve dizer e as que não deve; e às mãos, as que elas devem fazer e as que não devem, e aos pés para onde devem ir e para onde não devem, e ao espírito, as coisas que deve desejar e as que não deve.

Se, então, a ontologia de base aponta para a indiferença, retirando do estabelecimento da diferença qualquer naturalidade, é de se esperar que aquele que aceite entrar no jogo do tribunal da acusação versus a defesa, estruturado “antilogicamente” qual o jogo político da situação versus a oposição e, enfim, qual todo *agón*, da guerra ao desporto, não fique na reiteração apática, em tom epistêmico, do relativismo que garante a ambas as partes igual direito de defender suas perspectivas, mas que arregace as mangas para fazer com que a sua própria triunfe sobre a adversária, apareça como a verdadeira, valendo-se maximamente de recursos retóricos, inclusive o da clássica crítica à retórica. Assim, o tema da *dóxa* e da *alétheia*, caro ao Sofista dos separatistas, reaparece nos discursos do Orador (*Tetralogia II*, primeiro discurso de defesa, 2):

(...) vos rogo (...) não produzir a vossa decisão segundo a aparência e não a verdade, pois a aparência dos fatos é favorável aos que têm o poder da palavra, enquanto a verdade, aos que realizam coisas justas e santas.

E é também num esforço que o defensor, como o pai do menino acusado na segunda *Tetralogia* (primeiro discurso de defesa, 10) tenta fazer convergir a seu favor o que vem da verdade e o que vem da lei, como fontes distintas: “assim ele é absolvido pela verdade dos fatos e pela lei a partir da qual é perseguido”.

E é num esforço ainda maior que o Corego de Erecteide, outra personagem do Orador, tenta operar, em quiasma, conversão semelhante, só que para chegar a um duplo paradoxo: a necessidade de submissão, no espírito de um Sócrates do *Críton*, ao legal a despeito de qualquer alegação de discrepância com o justo, e a inutilidade, no espírito de um Sócrates do segundo livro da *República*, do anel de Gíges, o qual corresponderia ao privado “sem

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

testemunhas”, onde se daria a Natureza e a Verdade, do Antifonte do fragmento 44 (*Acerca do coreuta*, 5):

E ninguém ousaria transgredir uma sentença julgada, mesmo que acreditasse não ter responsabilidade pelo crime. Tampouco alguém que tivesse a consciência de haver cometido o crime ousaria não fazer uso da lei. É necessário, conforme o primeiro caso, dobrar-se diante da sentença da justiça a despeito do verdadeiro, mas também, conforme o segundo caso, dobrar-se de algum modo diante do verdadeiro, mesmo que não haja ninguém para vingar a vítima.

Por que, afinal, o Antifonte dos discursos jurídicos faz as partes apelarem constantemente a testemunhas, ao invés de aparecer ele mesmo como um narrador onisciente a segredar ao leitor quem de fato está com a razão? Seria só coincidência que a temática do “diante de testemunhas” e “encoberto aos olhos de testemunhas”, tão cara ao Sofista, apareça de modo não acessório nos discursos do Orador, como no trecho da *Tetralogia I* (primeiro discurso de defesa, 3) já mencionado acima, “pois, se ficasse claro que eu vim a ser o autor desse ato, estaria perdido; se permanecesse encoberto, é claro que desde já a suspeição sobreviria a mim”?

O Antifonte do fragmento 44 segreda no ouvido do leitor o conselho: evita os tribunais, se não, enredar-te-ás nas tramas infinitas dos discursos doxásticos e nenhum narrador onisciente virá, feito um deus *ex machina*, em teu socorro. E aí, como já foi dito em outro trecho do Orador supracitado (*Tetralogia III*, segundo discurso de defesa, 2): “a prova em nada vem a ser mais propícia ao perseguidor que ao perseguido”. Ou como diz aquele primeiro Antifonte (Fragmento 44, *Oxyrhynchus Papyri* XI n. 1364 ed. Hunt): “a defesa é para o que defende aquilo que a acusação é para o que acusa; a persuasão veio a ser antagonista ao que padeceu e ao que agiu.” Ou como diz o célebre *Dissoi Lógoi* (4, 1-3):

São ditos também acerca do falso e do verdadeiro dois discursos. Uns dizem ser um o discurso mentiroso, outro o verdadeiro. Outros, por sua vez, que o mesmo discurso é mentiroso e verdadeiro. Eu digo o seguinte: primeiro, que ambos são ditos com as mesmas palavras; depois, que, toda vez que um discurso é enunciado, se o que ele disser acontecer, ele é verdadeiro, se não acontecer o mesmo discurso é falso. Por exemplo, o discurso que acusa alguém de profanação: se aconteceu o fato, verdadeiro é o discurso; se não aconteceu, mentiroso. E os tribunais julgam o mesmo discurso ora mentiroso, ora verdadeiro.

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

E, do mesmo modo que “aquele que nem desejou nem tocou as coisas vergonhosas ou ruins, esse não é prudente, pois não teve que assenhorear-se de si para conseguir por si fazer-se belo e ordenado” (é o fragmento 59 do *Acerca do consenso*, atribuído ao Sofista, Estobeu, 3.5.57), assim também aquele que não foi atravessado pela ambivalência do reino humano do discurso não pode chegar a ter idéia da grandeza do valor da unidade alcançada pelo consenso, o qual, nas palavras de Jâmblico (*Exhortatio philosophiam*, Estobeu II 33,15), ajuntadas por Diels-Kranz ao *Acerca do consenso*,

como o próprio nome quer demonstrar, compreende em si convergência, comunidade e unificação do mesmo senso; a partir daí, se estende a cidades, casas comuns, todas as coletividades, bem como as casas particulares, e perpassa todas as naturezas e consangüinidades, tanto as comuns como as particulares; e também compreende o acordo de cada um em relação a si mesmo quanto ao pensamento; pois aquele que é conduzido por um só senso e um só pensamento, compartilha do mesmo senso consigo; divergindo de si quanto ao pensamento, porém, se entrega a raciocínios desiguais e por isso cai na dissensão interna; e por um lado, aquele que persevera sempre no mesmo pensamento (durante o transitar do senso) é pleno de concórdia; por outro lado, o errante, que com cambiantes raciocínios é arrastado <sempre> por opinião diferente, é instável e inimigo de si mesmo.

No mesmo espírito, Helo se defende, no *Acerca do assassinato de Herodes* (49-50), atribuído ao Orador:

Examinai, ó bravos juízes, a partir de cada um dos discursos dos dois homens interrogados, o justo e o verossímil. Um, o escravo, falou em dois sentidos: ora disse que eu cometi o crime, ora disse que não. O outro, o homem livre, até agora não disse nada de mau a meu respeito, e ele foi interrogado sob a mesma tortura. Pois a esse último não era possível convencer pela promessa de liberdade como ao outro. Ele voluntariamente correu o risco de sofrer o que fosse preciso para estar do lado da verdade, mesmo sabendo que cessariam de torturá-lo na roda, se falasse o que lhes parecia conveniente. Em qual dos dois é razoável confiar? No que até o fim disse sempre as mesmas coisas ou no que ora disse isso, ora aquilo? Em todo caso, mesmo sem a tal tortura, aqueles que mantêm sempre os mesmos discursos sobre as mesmas coisas são mais confiáveis que os que estão em desacordo consigo mesmos.

Os separatistas que não se iludam: querer extirpar do sofista Antifonte a ambigüidade é querer extirpar-lhe exatamente o elemento sofisticado e antifontiano. Afinal, como diz o não menos mestre da ambigüidade, Luciano (*Verae historiae*, 2), que se declara o único historiador veraz, porque o único que assume que mente:

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani
Um Antifonte múltiplo

No meio da praça há uma fonte, que chamam de Careotis. Perto, há dois templos, o da Ilusão e o da Verdade. Aí ficam também o santuário respectivo e o oráculo, diante do qual profetiza Antifonte, o intérprete de sonhos. Essa prerrogativa ele recebeu do Sono.

BIBLIOGRAFIA

- ANTIFONTE – *Testemunhos/ Fragmentos/ Discursos*. Tradução: Luís Felipe Bellintani Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2008.
- CASSIN, B. – *L'Effet Sophistique*. Paris: Gallimard, 1995.
- CASSIN, B. – “Barbarizar” e “cidadanizar” ou não se escapa de Antifonte in *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Co-autoria: N. Loreaux e C. Peschanski. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- HOURCADE, A. – *Antiphon d'Athènes. Une pensée de l'individu*. Bruxelas: Éditions OUSIA, 2001.
- KERFERD, G. B. – *O movimento sofista*. Tradução: Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2003.
- NARCY, M. – *Antiphon d'Athènes* in *Dictionnaire des Philosophes Antiques*. Direction de R. Goulet. Paris: CNRS Éditions, 1994.
- RIBEIRO, L.F.B. – *Caracterização do horizonte em que se deve situar uma releitura de Antifonte, o sofista, e da sofística em geral* in *Sofia* Vitória: UFES, 2005.
- ROMEYER-DHERBEY, G. – *Os Sofistas*. Tradução: João Amado. Lisboa: Edições 70, 1999.

[Recebido em novembro de 2008; aceito em dezembro de 2008.]